

Coletivo ASA - Artes, Saberes e Antropologia

O Coletivo Artes, Saberes e Antropologia (ASA) reúne pesquisadores aproximados em função de uma perspectiva etnográfica e de uma abordagem pragmática da vida social, que privilegia as formas e estilos das práticas, ou seja, a poética social. Trata-se de um dos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP), que se encontra mensalmente para compartilhar ideias e experiências, assim como discutir textos teóricos e pesquisas em andamento, envolvendo a antropologia das formas expressivas e a teoria, método e história da antropologia.

Criado em 2009, já produziu várias teses e dissertações, recebeu alguns prêmios e indicações, publicou livros e artigos em periódicos nacionais e internacionais, promoveu muita conversa, estudos e debates, contribuindo assim para a formação de um campo de pesquisa por meio de uma troca profícua entre pesquisadores de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado. A produção do ASA pode ser acompanhada em <http://www.coletivoasa.dreamhosters.com/>.

Merece destaque também a participação, como membros do Coletivo ASA, de pesquisadores vinculados à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), à Universidad de la República (Udelar), à Université de Montréal (UdeM) e à École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris).

Coordenado pela Prof^{fa}. Fernanda Arêas Peixoto e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o Coletivo ASA vem desenvolvendo várias linhas de atuação acadêmica, com o apoio de agências financiadoras como o CNPq, a FAPESP, a CAPES e a Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo. Dentre elas, se destacam quatro:

– *Artes e saberes da (e para a) Antropologia*: voltada para um exercício autorreflexivo, essa linha revisita autores, conceitos e teorias, esforçando-se por recuperar o contexto em que as ideias foram produzidas, assim como sua atualidade para a reflexão atual. Menos do que uma história da antropologia, trata-se de oferecer uma reflexão sobre as artes e saberes da (e para) a antropologia.

– *Expressão artística, memória e experiência social*: o fio da memória costura essa linha que se beneficia da análise de expressões artísticas variadas (fotografia, música e literatura, por exemplo), pensando-as de forma interligada às experiências sociais.

– *Práticas e imaginários urbanos*: a linha reúne pesquisas sobre espaço e cidades, pensando-os em suas relações estreitas com a memória, as ideias e representações. Trata-se de indagar os usos e sentidos conferidos pelos sujeitos ao espaço praticado, o que nos endereça também às dimensões pública e política.

– *Cultura e Política*: a política é aqui tomada do ponto de vista de suas práticas, formas expressivas e significados, interrogando ainda os sentidos nativos de “cultura” e “política”,

assim como indagando sobre os diversos modos como os termos se inter-relacionam.

Se são várias as linhas de atuação, os temas abordados também são diversos. Modernismos, viagens, bordadeiras, cidades, intelectuais, movimentos sociais, memórias, políticas culturais, fotografia, literatura, arte, música, pensamento social etc. Tamanha diversidade é articulada por uma série de linhas transversais que dão as bases das trocas que acontecem neste grupo. Assim, de um lado, há uma aproximação em função de uma perspectiva etnográfica e de uma abordagem da vida social centrada nas práticas. Nesse sentido, uma questão que frequentemente aparece nas pesquisas é: o que uma abordagem etnográfica sobre determinada questão pode propiciar? O que de novo pode ser iluminado ao atentar para as práticas cotidianas? De outro, há o gosto por temáticas variadas, mas que, sutilmente, se aproximam a partir dos objetos de estudo propostos, que gravitam em torno dos eixos mencionados.

A antropologia, portanto, é aqui tomada como principal ferramenta – ou caminho – para olhar, ouvir, sentir... enfim, para perceber e pensar o mundo. Por meio de seus métodos e conceitos e, principalmente, de uma certa perspectiva que lhe é própria, os pesquisadores do Coletivo ASA se voltam para seus objetos. Ao mesmo tempo, ela própria é matéria de reflexão, seja nas histórias da antropologia e das ideias feitas por alguns membros do grupo, seja na exploração dos limites e possibilidades da reflexão, da escrita e da prática etnográfica realizada por todos nós.

Esse trabalho de estudo, análise e debate é efetuado coletivamente a partir de duas principais atividades, que ocupam nossos encontros regulares: a discussão das pesquisas de integrantes do grupo e de eventuais convidados, e a discussão de textos que compõem agendas temáticas, definidas semestral ou anualmente.

Em 2014, por exemplo, no primeiro semestre, realizamos a leitura de algumas de nossas pesquisas: dois relatórios de iniciação científica (de Bruno Ribeiro e Diogo Maciel, então graduandos), de três projetos de doutorado (dos doutorandos Adriana Taets, Alexandre Araújo e Julia Goyata) e de dois projetos de pós-doutorado (dos pós-doutorandos Eduardo Pedrosian e Rodrigo Ramassote).

Do debate sobre esses projetos e do acúmulo de discussões provenientes dos últimos anos, para o segundo semestre, desenhemos uma agenda de leituras que nos permitissem interpelar as categorias de *imagem*, *representação* e *agência*. Debruçamo-nos sobre autores como Jean-Pierre Vernant, Carlo Ginzburg, Alfred Gell, Bruno Latour, Gregory Bateson e Annelise Riles. Nessa empreitada, especialmente para as leituras dos textos de Gell, contamos com a valiosa participação de Adriana de Oliveira Silva, doutoranda do PPGAS/USP e integrante do Napedra.

Com essas leituras, interessava-nos aprofundar alguns aspectos sobre a noção de *agência*, entender como ela poderia nos ajudar a aprofundar o movimento de crítica da ideia de *representação* enquanto algo oposto ou dissociado de práticas e ações concretas, além de nos permitir pensar aplicações inovadoras, como aquela que tem sido feita a partir de uma antropologia dos artefatos. O que é uma imagem, e como ela tem sido pensada? Para além da pergunta sobre o que uma imagem diz ou representa, que respostas podemos obter à formulação sobre o que elas *fazem*? E mais do que isso, como olhar efetivamente para as dimensões e suportes materiais pelas quais essas imagens e representações se fazem presentes em nossas investigações?

Bordados, fotografias, correspondências, monumentos, indumentárias, documentos e arquivos de várias naturezas; danças, músicas e performances: o que elas *fazem*; como operam suas *agências*; como artefatos, formas e padrões

específicos são capazes de ser eficazes e de afetarem, e até constituírem, as pessoas, relações e ambientes colocados ao seu redor? Estas são algumas das perguntas que têm ocupado as reflexões do Coletivo ASA.

Blog: <http://www.coletivoasa.dreamhosters.com/>

Contato: coletivoASA@gmail.com

Coordenadora: Fernanda Arêas Peixoto

Pós-doutorandos: Eduardo Álvarez Pedrosian, Julia Ruiz Di Giovanni, Rodrigo Martins Ramassote.

Doutores e doutorandos: Adriana Rezende Faria Taets, Alexandre Araújo Bispo, Bruno de Macedo Zorek, Dalila Vasconcellos de Carvalho, Isabela Oliveira Pereira da Silva, Júlia Vilaça Goyatá, Lorena Avellar de Muniagurria, Luísa Valentini, Thais Chang Waldman, Thaís Fernanda Salves de Brito.

Mestres e mestrandos: Bruno Ribeiro da Silva Pereira, Diogo Barbosa Maciel, Vinícius Augusto Guerra Spira, Fábio Osias Zuker e Maria Victoria Gaburro de Zorzi.

Graduandos: Daniele Soares.